

**ALFA-OMEGA E A SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA: MEMÓRIA, CULTURA E  
POLÍTICA.**

Gustavo Orsolon de Souza

Doutorando em História Social pela UERJ/FFP.

E-mail: cliogustavo@bol.com.br

**Resumo:**

O texto tem como objetivo descrever parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ/FFP. O tema central é a história da editora paulista Alfa-Omega, fundada em 1973, na cidade de São Paulo. Dentro desse contexto, será explorado o seu perfil editorial e também uma coleção intitulada História Imediata, publicada no final da década de 1970.

**Palavras-chave:** Alfa-Omega; História Imediata; Política.

**Introdução.**

O trabalho que venho apresentar no 30º Simpósio Nacional de História é fruto do andamento da minha pesquisa de Doutorado em História Social. Em 2018, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ/FFP, na linha “Território Identidades e Representações”, tendo como objeto de estudo a editora paulista Alfa-Omega.

A proposta é analisar a história da editora Alfa-Omega, relacionando seu projeto editorial com o período de abertura política durante o regime militar, entre as décadas de 1970 e 1980. Além disso, uma coleção, em especial, intitulada História Imediata, ganhará atenção no estudo. Ela foi publicada no final da década de 1970, em formato de revista.

A Editora Alfa-Omega, fundada em 1973, pelo casal Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, se destacou por publicar obras de esquerda, voltadas para a linha ideológica do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Dentro do seu catálogo,

a coleção História Imediata me chamou atenção por trazer temas quentes para o momento, sendo alguns até mesmo silenciados pela censura durante os anos mais duros do regime militar.

A coleção História Imediata é composta por cinco volumes: *A Guerrilha do Araguaia*, de Palmério Dória, Sérgio Buarque, Vicent Carelli e Jaime Sautchk; *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, de Oboré; *Araceli – Corrupção em Sociedade*, de Carlos Alberto Luppi; *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*, de Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum; e *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.

O interesse pela temática originou-se ainda no mestrado, quando analisei a trajetória intelectual de Clóvis Moura até a publicação de seu primeiro livro em 1959, intitulado “*Rebeliões da Senzala*”. Esse livro possui uma história. Sua publicação ocorreu somente sete anos após ter sido escrito, por uma pequena editora de esquerda chamada Edições Zumbi. Além disso, depois, recebeu três novas edições. Desta feita, por editoras grandes, integrando coleções de prestígio.

Durante essa pesquisa, vi que os estudos sobre editoras ainda é bem tímido na historiografia, poucos estudos se dedicaram ao tema<sup>1</sup>. Além disso, constatei também que as editoras de esquerda tiveram um papel importante no cenário político e cultural. Elas funcionavam como *locus* de crítica e reflexão sobre a situação e as condições impostas pelo regime militar.

### **O Cenário Político e a Criação da Editora.**

O Regime Militar, instaurado no Brasil em 1964, teve um sistema de repressão bastante significativo em todos os setores da sociedade. Os anos de 1969 e 1974, por exemplo, podem ser considerados os mais “lacerantes da ditadura”, com o fechamento do Congresso, a cassação e suspensão de direitos políticos, assim como também com uma forte censura à imprensa, as produções culturais e a demissão de muitos professores nas universidades públicas (ALMEIDA; WEIS, 1998, p. 332).

---

<sup>1</sup> Uma referência importante sobre o universo editorial é o bibliotecário inglês Laurence Hallewell, com o seu clássico trabalho “O Livro no Brasil – sua história”. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

O crescimento da indústria editorial brasileira ocorreu, curiosamente, na década de 1970. Nesse sentido, o historiador Flamarion Maués destaca que o segmento mais popular da editora foi o de livros de oposição ao regime militar. As editoras de oposição, já estabelecidas - como a Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes, Paz e Terra,- retomaram o “perfil” político de oposição ao regime militar, editando livros de “parlamentares de oposição, (ex) exilados e (ex) presos políticos”. Para além disso, surgiram outras editoras de oposição, que tinham o mesmo objetivo: publicar livros com caráter político. Dentre essas editoras, destacam-se: “Alfa-Omega, Global, Edições Populares, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Hucitec, LP&M, Graal, Codecri, Vega e Livramento” (MAUÉS, 2013, p. 10 e 13).

Para entendermos a fundação da Alfa-Omega é preciso, antes de tudo, conhecer parte da trajetória de Mangarielo, seu editor, pois como afirma a historiadora Heloísa Pontes, para conhecer a história do mercado editorial no Brasil de forma completa é preciso expor, antes de tudo, as trajetórias dos editores (PONTES, 1989, p. 370).

Fernando Celso de Castro Mangarielo nasceu em Recife, em 1947. Em 1965, aos 18 anos de idade, veio para São Paulo. Dois anos depois de estabelecido na cidade, entrou para o curso de Ciências Orientais da USP. Em 1968, ao mesmo tempo em que estudava, Mangarielo começou a exercer a função de diretor da “Banca da Cultura”, uma espécie de “ponto de encontro” dos estudantes da USP, onde ele também vendia livros. No mesmo ano, as atividades da “Banca” foram interrompidas devido a uma invasão policial, e Mangarielo ficou preso por 136 dias (ARAGÃO, 2013, p. 75).

O desejo de se tornar editor só viria alguns anos mais tarde. Questionado pela historiadora Eloísa Aragão sobre como se tornou editor, Mangarielo fala de uma influência importante, a do amigo e filósofo Jacob Bazarian. Segundo Mangarielo, seu destino era uma incógnita. Isso porque não sabia que caminho seguir após terminar o curso universitário. Foi, então, que Bazarian sugeriu que se tornasse editor, já que possuía características essenciais para exercer tal função: saber “ouvir”; e “verticalizar a compreensão dos fatos filosóficos, sociais e políticos” (ARAGÃO, 2007, p. 158).

A trajetória de Claudete Machado foi diferente. A mesma trabalhava como bancária antes de conhecer o Fernando, e era mais jovem dois anos. O que tudo indica é

que o apoio de Claudete foi fundamental para o que o sonho da editora fosse concretizado. No ano de 1973, o casal fundou a editora. A empresa funcionava dentro do pequeno apartamento do casal. Hoje a Alfa-Omega conta com uma estrutura bem maior, e fica localizada na Rua Lisboa nº 489, no Bairro de Pinheiros.

### **A Produção Literária da Alfa-Omega nos Primeiros Anos.**

O primeiro livro publicado foi “A Ideia Republicana no Brasil Através dos Documentos”, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, professor da USP, da disciplina História da União Soviética. O livro teve grande repercussão, já que era usado em sala de aula pelos universitários. A vendagem, na avaliação de Eloísa, foi de 1500 exemplares no curto período de seis meses. (ARAGÃO, 2013, p. 76).

Após o livro de estreia, outros títulos também marcaram o catálogo da Alfa-Omega. Fernando e Claudete investem em autores que se destacaram durante o regime militar pela oposição ao regime. Dentre eles, destaco a publicação de: “A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (1976), de Fernando Moraes; “A Sangue-Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog” (1978), de Hamilton Almeida Filho; “Cuba Hoje: 20 anos de revolução” (1979), de Jorge Escosteguy; “A História Me Absolverá” (1979), de Fidel Castro; “Em Câmara Lenta”<sup>2</sup> (1977), de Renato Tapajós. Alguns livros foram de grande sucesso, o que permitiu certa estabilidade comercial para a Editora no mercado de livros da época (ARAGÃO, 2007, p. 156-160).

Ainda na primeira década de funcionamento, a editora publicou uma coleção intitulada História Imediata composta, como já afirmei, por cinco volumes. Os volumes tiveram uma periodicidade mensal, e eram vendidos também em bancas de jornal. Os

---

<sup>2</sup> O livro em Câmara Lenta, de Renato Tapajós foi publicado em 1977 pela Alfa-Ômega. Embora sendo um romance, o livro traz a experiência de luta do autor na Ala Vermelha. Preso entre os anos de 1969-1974, Tapajós escreveu o livro na prisão. Cf. FREITAS, Guilherme. Censura a Livros na Ditadura Deixou Herança Autoritária. In: *Jornal O Globo*, Prosa. Rio de Janeiro, 22/03/2014. Disponível na internet via: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/03/22/censura-livros-na-ditadura-deixou-heranca-autoritaria-528431.asp>. Acesso em: 24/08/2014.

autores, em sua maioria, jornalistas, buscaram retratar temas políticos atuais através de uma linguagem simples e de fácil entendimento.

O esforço para encontrar informações mais detalhadas sobre coleção ainda tem sido grande. Porém, um dos objetivos da pesquisa será uma análise cuidadosa sobre esse material que, tudo indica, teve uma boa repercussão na época.

### **Andamento da Pesquisa e Referenciais Teóricos.**

A historiografia ainda não conta com um estudo sobre a Editora Alfa-Omega, uma importante casa editorial que teve um papel político relevante durante o período de regime militar, já que sua fundação acontece em plena ditadura.

Nesse sentido, pretendo com essa pesquisa, não apenas contribuir para esse debate historiográfico, que relaciona casas editoriais e política, mas realizar uma investigação minuciosa do papel desempenhado pela Alfa-Omega durante o período de abertura política, observando sua posição crítica em relação ao pensamento político, cultural e social.

A história intelectual será o ponto partida, ou seja, o fio condutor que irá costurar cultura e poder, pilares fundamentais para compreender a trajetória da editora Alfa-Omega.<sup>3</sup> Para entender o que é história intelectual e sua contribuição para essa pesquisa, destaco alguns caminhos apontados pela historiadora Helenice Rodrigues da Silva.

A historiadora afirma que não há uma resposta precisa para definir o que é a história intelectual, mas é possível fazer algumas “constatações prévias” sobre ela. Uma dessas “constatações” é o caráter “pluridisciplinar” da história intelectual, que está vinculada não somente à história, como também à filosofia e à sociologia. Nesse sentido, utilizando o conceito de “campo” de Pierre Bordieu, Helenice da Silva afirma que a história intelectual tem dois objetivos essenciais: entender a sociedade intelectual a partir de seu funcionamento, com “suas práticas”, “suas estratégias” e seus “*hábitus*”; e entender as “modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais”,

---

<sup>3</sup> Por muito tempo a história intelectual esteve vinculada a história social. Somente a partir da década de 1960, com o que historiador americano Robert Darnton denominou de “Movimento dos Estudos Americanos”, foi que a história intelectual ganhou certa independência. Cf. DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995. p. 177.

ou seja, destacando as características históricas e conjunturais (SILVA, 2002, p. 12). Tal reflexão é bastante válida para a pesquisa, já que, ao analisar a trajetória e o perfil editorial da Alfa-Omega, estarei também buscando entender um pouco da forma de “pensar e de agir” do editor, dos autores e do círculo intelectual no qual se encontravam inscritos, ou seja, teremos em mente as características históricas e conjunturais para e examinar os possíveis debates.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a historiadora faz outra constatação sobre a história intelectual que ajudará bastante nessa pesquisa. A pesquisadora destaca a necessidade de analisar não somente as “articulações internas (discurso)”, como também as “articulações externas (‘campo’, contextos, conjuntura)” de uma obra (SILVA, 2002, p. 12). Isso significa que estarei preocupado também com o “campo” de produção e com a conjuntura histórica em que foram produzidas alguns dos principais títulos produzidos pela editora tendo, dessa forma, uma visão mais ampla das principais publicações.

A interpretação de Michael Pollak, sociólogo que nasceu na Áustria e foi radicado na França, também se tornou aqui muito apropriada. A partir da interpretação do sociólogo francês Maurice Halbwachs, Pollak destaca que a memória deve ser entendida como um “fenômeno coletivo e social”, que está sujeito a “flutuações e mudanças” constantes. Nesse sentido, Pollak identifica os elementos que constituem o campo da memória, que podem ser percebidos de duas maneiras: os “acontecimentos” que são “vividos pessoalmente” e os “acontecimentos” que são vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencente (POLLAK, 1992, p. 201). A diferenciação se tornou fundamental para a análise. Mesmo sabendo das possíveis “flutuações”, para entender a trajetória do editor, é necessário refletir sobre os “acontecimentos” vividos por ele, levando em conta a sua própria memória e, ao mesmo tempo, os acontecimentos ao grupo (ou grupos) ao qual (aos quais) ele estava inserido ou circula com frequência.

Ainda como parte do esforço de conhecer a trajetória da Editora Alfa-Omega, um conceito chave será utilizado nessa pesquisa: o “*não-dito*”, do pesquisador francês Michel de Certeau, em sua obra “A Escrita da História”. Para Certeau, toda produção historiográfica está articulada a um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Isso significa que é através do lugar social que se definem os métodos a serem

utilizados e os interesses de estudo. Esses caminhos, portanto, estão relacionados aos interesses da instituição, impedindo, dessa maneira, que alguns elementos sejam expostos, ou seja, “ditos” para o leitor (CERTEAU, 1982, p. 66-69).

Mas, não é só Certeau que utiliza o conceito, o já citado Michael de Pollak, também se apropria do “*não-dito*”, observando que existem lembranças que ficam na “sombra”, no “silêncio”, ou simplesmente, não são ditas, como se fossem uma memória subterrânea e sem importância. Todavia, do outro lado, existiria uma memória organizada, preocupada em criar uma imagem positiva, que refletisse os interesses do Estado (POLLAK, 1989, p. 08-09).

Pollak parte mais uma vez do conceito de memória coletiva Maurice Halbwach para entender os diferentes processos e atores que influenciaram na formalização das memórias. O pesquisador também procura entender a contribuição da história oral dentro das chamadas “memórias subterrâneas”, que segundo sua análise, silenciosamente subvertem a lógica imposta por uma memória oficial coletiva.

A historiografia também tem - para utilizar outro conceito de Certeau - seus “*ritos de sepultamento*”, criando cânones, fazendo uma seleção e excluindo do campo científico alguns temas. Nesse sentido, entendemos que a Editora Alfa-Omega ainda não teve sua história contada.

Todas as fontes primárias para essa pesquisa estão localizadas na própria sede da editora Alfa-Omega, na cidade de São Paulo, sobre a posse de Fernando Mangarielo. Lá, encontra-se toda a documentação sobre a editora, desde sua criação até os dias de hoje.

Nos últimos anos, venho conversando com Fernando e Claudete. Nesses contatos, pude fazer algumas entrevistas, o que possibilitou conhecer mais de perto a editora e seus fundadores. Em todas elas, os fundadores se mostraram bastante à vontade, não deixando nem uma pergunta sem resposta. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Hoje elas ainda se encontram com eles para a conferência final do material.

Ao conhecer a proposta deste projeto, os fundadores ficaram bastante entusiasmados, visto que, é o primeiro trabalho que vai contemplar a editora como um todo. Isso porque alguns pesquisadores já os procuraram para fazer pesquisas, só que

menores do ponto de vista acadêmico, relacionadas apenas com obras publicadas pela editora.<sup>4</sup> Contar a história da Alfa-Omega é algo novo.

Uma das questões centrais de nossas conversas foi sobre a documentação preservada no arquivo. Sobre a catalogação, o editor informou que não existe nenhum tipo de catálogo, como aqueles que podemos encontrar em arquivos públicos com a descrição de todos os documentos. Porém, Mangarielo tem o cuidado com a organização do material.

Desta forma, já tenho um mapeamento geral da documentação. No arquivo da editora há pastas com recortes de imprensa, caixas e pacotes com as provas de todos os títulos já publicados, algumas caixas com materiais de exposição e feiras que aconteceram no exterior, algumas estantes de livros de memória, arquivos com todos os contratos firmados e correspondências com autores nacionais e estrangeiros.<sup>5</sup>

Para ser mais preciso, o editor começou a guardar tudo o que dizia respeito a editora logo no primeiro ano de fundação, em 1973. Como recortes da imprensa destacam-se informações sobre os lançamentos e as entrevistas com os autores e também com o próprio editor. Em relação aos materiais de exposição e de feira, Mangarielo destaca dois países que viajava com certa frequência: Rússia e Alemanha. Já em relação às correspondências, um dos interlocutores vistos foi o acadêmico russo Boris Iossifovitch Koval, autor de alguns títulos famosos: “A Grande Revolução de Outubro e a América Latina”; “Heroísmo Trágico do Século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes”; e “História do Proletariado Brasileiro – 1957 a 1967”.<sup>6</sup>

Sobre os livros de memória, Mangarielo destaca: “Céu é de Ninguém”, de Abel Pereira Leite; “O Gigante Brasileiro”, de Luigi Sarcinella; “Minha Vida e as Lutas do Meu Tempo”, de Elias Chave Neto; “Olha o Creme Suíço Barão de Vassouras, Olha o Biscoito de Jacaré. Quem Vai Quer”, de Guido Sérgio da Costa Breves; “Vida de Um Revolucionário”, de Agildo Barata; “Uma Vida em Seis Tempos”, de Leôncio Basbaum. Títulos esses que trazem temas relacionados à nacionalidade e a política brasileira; as duas grandes guerras mundiais; e até mesmo sobre aviação nas primeiras décadas do século XX. Para além desses títulos, o editor destaca também algumas

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Fernando Mangarielo, via e-mail, em 15/09/2014.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Fernando Mangarielo, via e-mail, em 11/10/2014.

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Fernando Mangarielo, via e-mail, em 05/03/2017.



biografias: “As Moças de Minas”, de Luiz Manfredini; “ No Rastro de Tina Modotti”, de Christiane Barckhausen; “Olga Benário”, de Ruth Werner; “Rio Branco”, de Álvaro Lins; “Tempo de Ameaça”, de Rodolfo Konder.

Diante da documentação brevemente apresentada pretendo fazer uma análise minuciosa do material, observando os primeiros passos do editor e da Alfa-Omega no mercado de livros. Ainda na análise do material, outro ponto será de fundamental importância: verificar na documentação como foi produzida a coleção História Imediata.

Outra fonte que já tenho em mãos é a própria coleção História Imediata. Os cinco volumes foram gentilmente cedidos por Fernando. Vale lembrar que hoje é difícil encontrar a coleção completa, pois o material não foi reeditado. Em alguns sebos é possível encontrar apenas um ou outro volume. Diante dessa dificuldade, Fernando conseguiu localizar no arquivo da editora a coleção completa.

Portanto, quanto aos meios, esta pesquisa pode ser classificada como documental, pois se baseia fundamentalmente em fontes primárias encontradas na editora Alfa-Omega, e também em uma coleção publicada por ela. Em relação aos fins, será uma pesquisa de caráter exploratório. Exploratório por ser ainda um objeto e um campo de estudo ainda não trabalhado.

### **Referências Bibliográficas:**

#### **Fontes:**

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 05/03/2017.

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 11/10/2014.

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 15/09/2014.

#### **Bibliografia:**

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime militar. In: *SCHWARCZ, Lilia Moritz*

(org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 332.

ARAGÃO, Eloísa. A Editora Alfa-Ômega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: *Oralidades – Revista de História Oral*, nº 02. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2007. p. 158.

\_\_\_\_\_. *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2013. p. 75.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p 66-69.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995. p. 177.

FREITAS, Guilherme. Censura a Livros na Ditadura Deixou Herança Autoritária. In: *Jornal O Globo*, Prosa. Rio de Janeiro, 22/03/2014. Disponível na internet via: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/03/22/censura-livros-na-ditadura-deixou-heranca-autoritaria-528431.asp>. Acesso em: 24/08/2014.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. p. 10 e 13.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, vol. 05, n. 10. CPDOC: Rio de Janeiro, 1992. p. 201. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>. Acesso em: 27/08/2013.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989. p. 08-09.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleção Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. p. 370.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2002. p. 12.